

Jorge Amado é velado em clima de sincretismo

Fotos de Joedson Alves/AE

Religiões africana e católica estiveram presentes, num ecletismo típico de seus livros

BIAGGIO TALENTO

SALVADOR – Pelo menos 300 pessoas entre familiares, amigos e admiradores participaram no final da tarde de ontem da cerimônia de cremação do corpo do escritor Jorge Amado, no Cemitério Jardim da Saudade. O féretro seguiu da portaria do cemitério até a ala de cremação, distante a 500 metros, numa pequena procissão. Fazia frio, provocado por um vento forte e uma chuva fina, o que tornou o clima mais pesado.

As integrantes da Irmandade da Boa Morte, confraria religiosa fundada há 220 anos por escravas, abriram o cortejo, seguidas por autoridades e amigos. O caixão e os parentes mais próximos seguiram em veículos do cemitério até o local da cremação. O governador César Borges (PFL) e o senador José Sarney (PMDB-AP) a governadora Roseana Sarney (PFL-MA), o ex-senador Antonio Carlos Magalhães (PFL) e demais autoridades foram a pé vagarosamente e em silêncio. Moradores do Bairro de Brotas, onde fica o cemitério, também participaram do cortejo, atraído pelas autoridades.

A Irmandade da Boa Morte, cuja sede fica na cidade de Cachoeira no Recôncavo Baiano, é a mais antiga confraria de mulheres negras do País e nos últimos anos cultivou uma relação fraterna com Jorge Amado que sempre fez tudo para que a entidade não acabasse e preservasse sua cultura de origem africana. Em retribuição, as irmãs da Boa Morte realizaram durante o velório no Palácio da Aclamação, um ritual de passagem, carregando e embalando o caixão funerário acreditando que dessa forma o espírito do escritor passaria para outra dimensão de uma forma tranqüila. O ritual emocionou a família do escritor, principalmente a viúva Zélia Gattai. Elas foram precedidas pelo cantor Marcos Santana, do terreiro de candomblé Axé Opo Afojá, fundado pela família de Miguel Santana, inspirador do personagem Pedro Arcanjo, do livro *Tenda dos Milagres*, do escritor baiano. Jorge Amado era obá alolu – representante civil da corte de Xangô – desse terreiro. Santana cantou a música *Funeral de um Rei Nagô*.

Já no cemitério, durante a



Maria João (neta de Amado), Zélia Gattai e os filhos João Jorge e Paloma no velório do escritor

caminhada, o cineasta Nelson Pereira dos Santos, que adaptou para o cinema dois livros do escritor, *Tenda dos Milagres* e *Jubiabá*, lembra que Amado deixou para o mundo “não apenas sua obra literária mas o exemplo de um grande humanista: foi um homem que viveu para o seu povo e soube amá-lo”, disse, caminhado ao lado do cineasta baiano Guido Araújo. O escritor João Ubaldo Ribeiro, abalado, não conseguiu falar nada sobre o amigo. “Não tenho o que dizer. Tomei um choque a até agora não passou. Não sei direito o que aconteceu, nem como vim parar aqui”, balbuciou.

Apenas um pequeno grupo de amigos entrou na sala de cerimônia do crematório para as despedidas, enquanto a multidão aplaudia do lado de fora. Foram 15 minutos de reflexão e orações silenciosas. Os familiares do

escritor permaneceram de mãos dadas durante todo o tempo.

Embora a cerimônia tenha ocorrido ontem, a cremação do corpo propriamente dita será realizada hoje à tarde. Leis federal e municipal determinam que o corpo deve ficar guardado no cemitério 24 horas. Depois disso ele é introduzido no forno crematório a uma temperatura de 900 graus, durante duas horas para a carbonização. As cinzas serão entregues à família do escritor na quinta-feira para que seja realizado seu último desejo: que sejam espalhadas no terreno do jardim da casa do Rio Vermelho (onde ele passou os últimos anos de sua vida com a mulher Zélia Gattai) onde está um pé de mangueira plantado por Amado.

Entre as celebridades, chegaram, momentos antes do término do velório, a canto-

ra Daniela Mercury e a mãe do compositor Caetano Veloso, Dona Canô. “Como mãe e como amiga, estou muito sentida. Jorge era um grande homem, não pelo tamanho, mas por tudo que era. Meu coração dói não só por ele, mas por Zélia (mulher de Jorge Amado) e Dona Paloma (filha do escritor)”, declarou Dona Canô. Familiares que acompanhavam a mãe de Caetano, disseram que o músico – que completa 59 anos hoje – não deve comparecer ao velório. Ele tem um show marcado para esta noite na capital baiana.

Também a governadora do Maranhão, Roseana Sarney (PFL), chegou ao velório há pouco. Sem falar com a imprensa, ela se dirigiu para o local onde se encontra seu pai, o senador José Sarney (PFL-MA), e do ex-senador Antonio Carlos Magalhães.

Cinema – Há um ano, Guido Araújo, organizador da Jornada Internacional de Cinema de Salvador, prepara edição especial em homenagem a Jorge. A idéia era prestar tributo ao escritor,



A neta Maria João beija Zélia: escritor será homenageado em novela

em vida. Como a morte o colheu quatro dias antes dos festejos de seus 89 anos e 36 dias antes do início da 28.ª edição da jornada, o festival homenageará o escritor com filmes baseados em sua obra e depoimentos de seus familiares (Zélia, João Jorge e Paloma, os filhos, o pediatra Joelson e o escritor James Amado, os irmãos).

Durante as últimas semanas, Guido e equipe colheram depoimentos de artistas como Sônia Braga, Dorival Caymmi, Nelson Pereira dos Santos, Eliana Pittman e Fernando Sabino para compor o catálogo *Jorge Amado e o Cinema*.

O ficcionista será homenageado também no último capítulo de *Porto dos Milagres*. A novela das oito da Globo é inspirada em dois romances do escritor: *Mar Morto* e *Descoberta da América Pelos Turcos*. Os autores Aginaldo Silva e Ricardo Linhares não sabem ainda de que forma farão a homenagem. “Só vamos pensar nisso mais adiante”, disse Linhares.

A novela termina, no ar, dentro de dois meses. Em relação ao que vem sendo exibido agora, os autores estão adiantados em um mês. (**Colaboraram Maria do Rosário Caetano e Sônia Apolinário**)

L.C. Leite/AE

Bahia amanhece consternada com a morte do filho ilustre

Luto atingiu terreiros como o Ilê Axé Apo Afonjá, que suspendeu trabalhos por três dias

SALVADOR – O tradicional clima festeiro do Pelourinho foi substituído anteontem pela consternação devido à morte de um dos seus mais famosos frequentadores, o escritor Jorge Amado. “É triste estar aqui justamente neste momento”, disse o turista paulista Antonio Amaral que circulava com amigos pela ladeira do Pelourinho na manhã de sol forte da capital baiana.

O sobradão azul, situado na parte de cima da ladeira do Pelourinho, onde está instalada a Fundação Casa de Jorge Amado, um dos pontos tradicionais do Centro Histórico estava fechado ontem. No local estão cerca de 200 mil documentos, entre li-

vros publicados em vários idiomas, objetos, fotos e recortes, onde as novas gerações poderão conhecer a obra do escritor.

Os funcionários da fundação foram prestar as últimas homenagens a Amado no Palácio da Aclamação onde o corpo foi velado. Lá se juntaram aos inúmeros amigos do escritor. “Um homem desses só aparece de cem em cem anos e olhe lá”, disse o artista plástico Sante Scaldasferri.

A atriz Nilda Spencer, que participou de vários filmes baseados em livros do escritor, lembrava que a maior alegria de Amado era saber que seus amigos haviam sido convidados para trabalhar nesses filmes. “Isso é uma prova de sua generosidade”,

disse a atriz.

A companheira de 50 anos, Zélia Gattai, emocionada, fez questão de contar que Amado repetia sempre que não queria ser sepultado. “Não me bote em cemitério, quero ficar embaixo da mangueira que plantei”, disse Zélia lembrando as palavras do marido. Paloma, filha do escritor salientou que o pai era a pessoa mais simples do mundo. “Ele nos criou dessa forma e por isso eu e o meu irmão João Jorge somos privilegiados.”

Na cidade de Ilhéus, cenário de vários romances do escritor, o clima também foi de luto ontem. Uma tarja negra foi colocada na fachada do Bar Vesúvio, ponto de encontro dos

ESCRITOR
PEDIU PARA
NÃO SER
ENTERRADO



Integrantes do afoxé Filhos de Gandhi velam escritor cuja morte suspendeu o clima festivo da Bahia

personagens do livro *Gabriela Cravo e Canela*. O prefeito Jabes Ribeiro, de Ilhéus, decretou luto oficial de oito dias em homenagem ao escritor.

O amigo Raimundo Sá Barreto, em Amado inspiroou-se para criar alguns dos “coronéis” do cacau, estava consternado. “Há dois me-

ses falei com ele por telefone e ele disse que queria me ver para conversarmos”, lembra.

O luto atingiu também os terreiros de candomblé que respeitavam e cultuavam Amado pela sua defesa intransigente ao culto afro. O Ilê Axé Apo Afonjá, de Mãe

Stella de Oxóssi, suspendeu seus trabalhos por três dias. Além da grande amizade entre Mãe Stella e Amado, o escritor era obá arorô da casa, uma espécie de porta-voz do orixá Xangô. O título foi dado por Mãe Aninha, uma das antigas mães de santo do terreiro. (**B.T.**)

MEMÓRIA

'Ele me retratava fazendo música', diz Caymmi

Os dois grandes artistas baianos só se conheceram mesmo no Rio de Janeiro, em 1939; apesar da longa amizade e parceria, se viram pela última vez em 1995

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO
Especial para o Estado

O compositor Dorival Caymmi recebeu a notícia da morte de Jorge Amado em sua casa, no Rio, e contou que os dois, apesar de serem os principais artistas da Bahia, se conheceram já adultos no Rio, em 1939. "Apresentados por uns estudantes na Avenida Rio Branco, entre o Café Nice e o Café Belas Artes", lembrou-se Caymmi. "Ele já tinha escrito *O País do Carnaval* e ficamos amigos desde então."

Caymmi lembrou-se de ter feito muitas músicas para Jorge Amado ou inspiradas em seus livros. "A primeira foi para um filme rodado em Parati, em que eu era um pescador e o Paulo Gracindo era o galã. Como eu conquistava as moças, disse que era um galã rústico", contou o compositor. "Fiz também uma música para uma peça baseada em livro dele, que eu chamava de *Pai Jeremias*. Não fez sucesso e depois mudei a letra para *Pai Xangô* e ficou conhecida. Fiz também a *Modinha para Gabriela*, para a novela da TV Globo e foi muito cantada", disse.

Em pelo menos dois romances, *Dona Flor e Seus Dois Maridos* e *Tereza Batista Cansada de Guerra*, Dorival Caymmi aparece como personagem. "Ele me retratava como sou mesmo, sempre fazendo música." Apesar da amizade, os dois se viram pela última vez, na Ba-

hia, em 1995, quando Caymmi recebeu uma homenagem por seus 80 anos. A idade redonda tinha sido completada em 94, mas o compositor só pôde ir a Salvador no ano seguinte. "Havia muita gente e ele falou algumas coisas em minha homenagem. Depois, conversamos um pouco. Ainda nos falamos algumas vezes por telefone, mas sempre muito rápido."

Imagem - O compositor tem sua imagem registrada em 12 filmes, três com histórias de Amado: *Estrela da Manhã*, em que faz o vértice de triângulo amoroso formado com Dulce Bressane e Paulo Gracindo; *Capitães da Areia*, no qual contracenava com Eliana Pittman, e *Tenda dos Milagres*. Neste, o compositor faz participação especial.

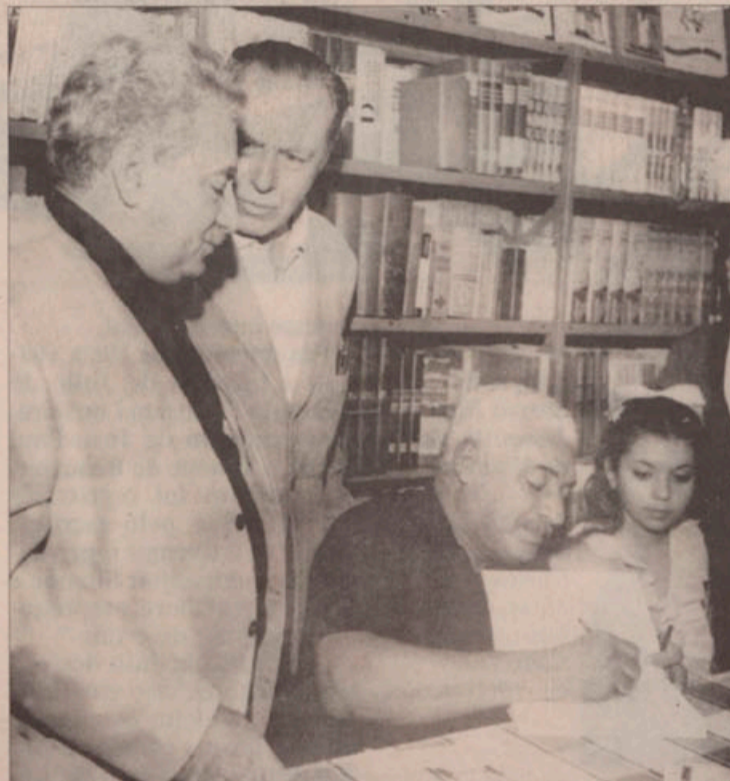
PARCERIA COMEÇOU COM FILME EM PARATI

A primeira aparição de Caymmi no cinema se deu em *Joujoux Balangandãs* (38), show de sucesso, filmado pelo italiano Amadeu Castelaneto. O compositor e cantor baiano só se lembra de ter participado do show, no Teatro Municipal/Rio. "Participei a convite de dona Darcy Vargas, a primeira-dama."

Depois, Caymmi atuou em *Pureza*, adaptação de Chianca de Garcia para obra de José Lins do Rego (40). "Interpretei um músico, que tocava violão num bar." Mais tarde, sob o comando de Fernando de Barros, Caymmi fez testes e preparou-se para atuar em *Mar Morto*, que não vingou. A toada *É Doce Morrer no Mar* faria parte



Amado e Caymmi: encontro se multiplicou em várias rodadas de chope, parcerias e encontros diários



Dorival Caymmi autografa o seu livro 'O Cancioneiro da Bahia'

da trilha sonora.

Caymmi se lembra da gênese da canção: "Nos anos 40, estávamos reunidos na casa do pai

de Jorge, em Vila Isabel. Lá estavam o gaúcho Érico Veríssimo e outros intelectuais. Sugeri, então, de brincadeira, que fi-

zêssemos um concurso para ver quem fazia a letra da canção. Acabei ganhando e usei dois versos de Jorge como inspiração."

Amizade - Quando Caymmi conheceu Jorge Amado, o escritor já era muito conhecido e havia publicado seis livros (entre eles *Jubiabá* e *Mar Morto*). Caymmi se firmava como compositor (o sucesso chegaria, para valer, em 39, quando gravou *O Que Que a Baiana Tem?*, com Carmem Miranda, para o filme *Banana da Terra*).

O encontro inicial na Avenida Rio Branco se multiplicaria em muitas rodadas de chope e reuniões na casa dos pais de Jorge. "Nosso grupo tinha Samuel Wainer, Carlos Lacerda, Octávio Malta, secretário de jornal, o médico Noel Nutels e Moacyr Werneck de Castro", lembra Caymmi.

O escritor e o compositor só viam a fama se multiplicar. Em 50, deu-se a estréia, para valer, do "galã rústico" no cinema no drama praieiro *Estrela do Mar*, de Jonald Oliveira. O argumento de Jorge Amado foi roteiriza-

do por Rui Santos e Jonald. Coube a Caymmi representar personagem de verdade: um pescador

Nos anos 60, Caymmi passou, em pequenas participações, pelos elencos de *Pluft, o Fantasminha* (Romain Lessage, 61) e de *Garota de Ipanema* (Leon Hirszman, 67). Encerrou a década atuando em *Capitães da Areia* (*The Wild Pack*), do norte-americano Hall Bartlett.

No mesmo ano das filmagens de *Capitães da Areia*, Caymmi e Jorge Amado deram depoimentos ao filme *Bahia por Exemplo*, de Rex Schindler (69). Em 76, Caymmi faz participação especial em *Tenda dos Milagres*, o canto que Jorge Amado e Nelson Pereira dos Santos entoaram à miscigenação de raças. O compositor faria outra participação especial em *Cinema Falado* (Caetano Veloso, 86). Antes, no começo da década (83), participaria, em Roma, de megaevento estrelado pela nata da arte baiana. O show, que estabeleceu a ponte entre a Bahia e a "Roma negra", foi filmado por Paulo César Saraceni, Leon Hirszman (1937-1987) e Gianni Amico (1933-1990). O material só seria editado em 96, sob o título de *Bahia de Todos os Samba*. No filme, vê-se Caymmi sendo entrevistado por Caetano Veloso (seqüência magistral) e cantando seus sucessos.

Para encerrar a longa trajetória cinematográfica de Caymmi (que continua compondo com rara criatividade, vide o tema da novela *Porto dos Milagres*), o cineasta Aluísio Didier realizou o documentário de longa-metragem *Um Certo Dorival Caymmi* (99). No filme, o compositor conta sua história e aparece em cenas do *Programa de Andy Williams* (EUA, 69) e em imagens do filme *Estrela da Manhã*. (Colaborou Beatriz Coelho Silva)

'Jorge é o homem da minha vida'

Sônia Braga fala da felicidade infinita de ter dado corpo e alma a Gabriela, Dona Flor e Tieta

Emocionada, Sônia Braga não quis dar declarações sobre a morte de Jorge Amado. Diante da insistência da imprensa, a atriz divulgou uma nota de pesar por intermédio de Brian Liebman, seu empresário americano. "Sônia expressou seu amor e sentimento para a família Amado. Como todos os brasileiros, ela também está de luto", disse ele. Abaixo, a reprodução de trechos de depoimento inédito dela sobre sua relação com o escritor, concedido para os organizadores da Jornada Internacional de Cinema de Salvador e que será utilizado no catálogo *Jorge Amado e o Cinema*.

"Meu primeiro encontro com Jorge Amado aconteceu na casa dele, na Bahia, no começo de 75. A Globo havia me escalado para interpretar Gabriela, protagonista da telenovela adaptada do livro *Gabriela Cravo e Canela* (1958), por Walter George Durst (direção de Walter Avancini). Me lembro que cheguei à casa dele, com uma daquelas minhas saias de hippie e muito tímida. Aí, os jornalistas sugeriram que ficássemos juntos, que nos sentássemos, para nos fotografar lado a lado. Sabe onde nos sentamos? Na rede. Uma rede, todo mundo sabe, aproxima obrigatoriamente as pessoas. Nós nos aproximamos, ali, naquele dia, para o todo e o sempre. Digo - e fiz questão de deixar isto claro na noite em que recebi o Prêmio Brasil de Cinema, no Quitandinha (Petrópolis, fevereiro de 2001) - que Jorge é o homem da minha vida, ele é a soma de todos os meus homens, é meu pai, meu mentor, meu pai-de-santo. Voltando ao nosso primeiro encontro: estávamos na rede, ali juntinhos, quando um jorna-

lista perguntou por que ele tinha imposto meu nome para o papel de Gabriela? Sabe o que ele respondeu? 'Porque ela é minha amante'. Uma amante que ele acabava de conhecer pessoalmente, ali, naquele primeiro encontro.

Nasceu, naquele instante, uma afinidade de alma. Com ele, com Zélia, que é uma irmã para mim, com Paloma e João Jorge, com os amigos dele, Calazans Netto, Carybé, enfim, com todas as pessoas que integram o universo do grande homem, do grande criador que é Jorge Amado. Nunca me esqueci daquele primeiro encontro, das imagens de santos espalhadas pela casa, do calor que Jorge e sua família me deram.

AFINIDADE DE ALMA DESDE O INÍCIO

Ao ser Gabriela, eu não imaginava que depois, seria Dona Flor e Tieta. E quero deixar claro meu desejo de interpretar outros personagens dele. A literatura de Jorge Amado é inesgotável. Não quero só interpretar. Quem sabe um dia venha a dirigir filmes baseados na obra dele. Tudo que fiz me veio intuitivamente e não intelectualmente. Primeiro foi Gabriela, na Rede Globo (abril a outubro de 75, com reprise de janeiro a maio de 79).

Depois, Bruno Barreto me convidou para interpretar Dona Flor em *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1976), ao lado de José Wilker e Mauro Mendonça. Ainda com Bruno, fiz *Gabriela*, tendo Marcello Mastroianni como Nacib (1982). Nos anos 90, com direção de Cacá Diegues, fiz Tieta.

A idéia deste filme brotou em mim no final dos anos 80. Eu estava no Brasil filmando *Luar Sobre Parador* (Paul Marzuský, 1988). Gostei de fazer este filme, mas algo me incomodava. Estava no meu País, representando em inglês. Na hora de embarcar de volta aos EUA, comprei, na livraria do aeroporto, o livro *Tieta do Agreste* (1977). Ao lê-lo, percebi que ali estava a mi-



Sônia Braga, a eterna Gabriela Com Mastroianni, em filme de 82



Com José Wilker em 'Dona Flor e Seus Dois Maridos', de 76



'Tieta do Agreste', dirigido por Cacá Diegues, produção de 95

nha própria história. Com o Robert (Redford) planejei a realização do filme. Ele ia produzir. Mas aí, a Globo adquiriu os direitos para fazer a novela (agosto de 89 a março de 90) e achei que não devíamos realizar o filme ao mesmo tempo. Em 95, realizamos *Tieta*, com Cacá Diegues na dire-

ção. A minha alegria de ter oferecido o meu corpo e a minha alma à Gabriela, à Dona Flor e à Tieta é infinita.

Gabriela - Gabriela foi um personagem que devolveu à mulher brasileira sua identidade. Nenhuma mulher, nem movimento feminista, conse-



Com a atriz que personificou Gabriela, seu grande personagem

guiu fazer tanto pela identidade de um país. Sem nenhum pudor, digo que dei, com Gabriela, meu corpo, minha carne, a essa busca de nossa identidade. E tive a felicidade de interpretá-la numa mídia poderosa como a TV, numa telenovela vista por milhões. Gabriela foi fundamental também para mim. Eu era uma paulista caipira (Sônia nasceu no Paraná e, mais tarde, em São Paulo, participou de vários movimentos teatrais), branca, tímida, que não sabia nadar, não tinha nenhuma convivência com a natureza. Cheguei ao Rio para trabalhar na Rede Globo e continuava muito tímida. Fico muito feliz quando pesquisas com telespectadores brasileiros revelam que uma das cenas mais lembradas da história de nossa TV é aquela que mostra Gabriela subindo no telhado para apanhar uma pipa. Amo aquela seqüência. Se os telespectadores se lembram dela por causa da sensualidade, eu me lembro pela alegria que me deu subir naquele telhado. Claro que a direção do Avancini, um mestre, enquadrado o plano de forma que a bunda de Gabriela ganhasse sensualidade especial. Mas para mim, naquele

momento, o que interessava era aquela coisa arriscada de subir naquele telhado, escalar, meu corpo, minha carne, a essa busca de nossa identidade. Ela vem daquela aventura que é enfrentar a seca. Vem como um bichinho.

Dona Flor e Tieta - Olho com muito amor o meu trabalho no filme do Bruno (Barreto). O filme foi um êxito imenso no Brasil (11 milhões de espectadores) e fez sucesso no exterior. Para mim, *Dona Flor* é a soma de muitos fragmentos de uma vida.

Tieta é a síntese da mulher amadiana, de Gabriela, de Flor. Todas estão contidas nela. Quem é Tieta? É uma mulher que veio do sertão, da pobreza, lá de cima, e foi viver lá fora, conhecer o mundo. E voltou às suas origens. Tem tudo a ver com a minha história pessoal.

Com humildade, aceitei a tarefa de encarnar este povo mestiço, como as personagens dele, um Brasil forte e digno. Espero retornar e poder, na língua jorjeamadiana, concluir este trabalho no Brasil."

A Tarde

MEMÓRIA

Escritor teve uma 'vida ardentemente vivida'

Jorge Amado gostava de dizer que recebera muito mais do que esperava e merecia

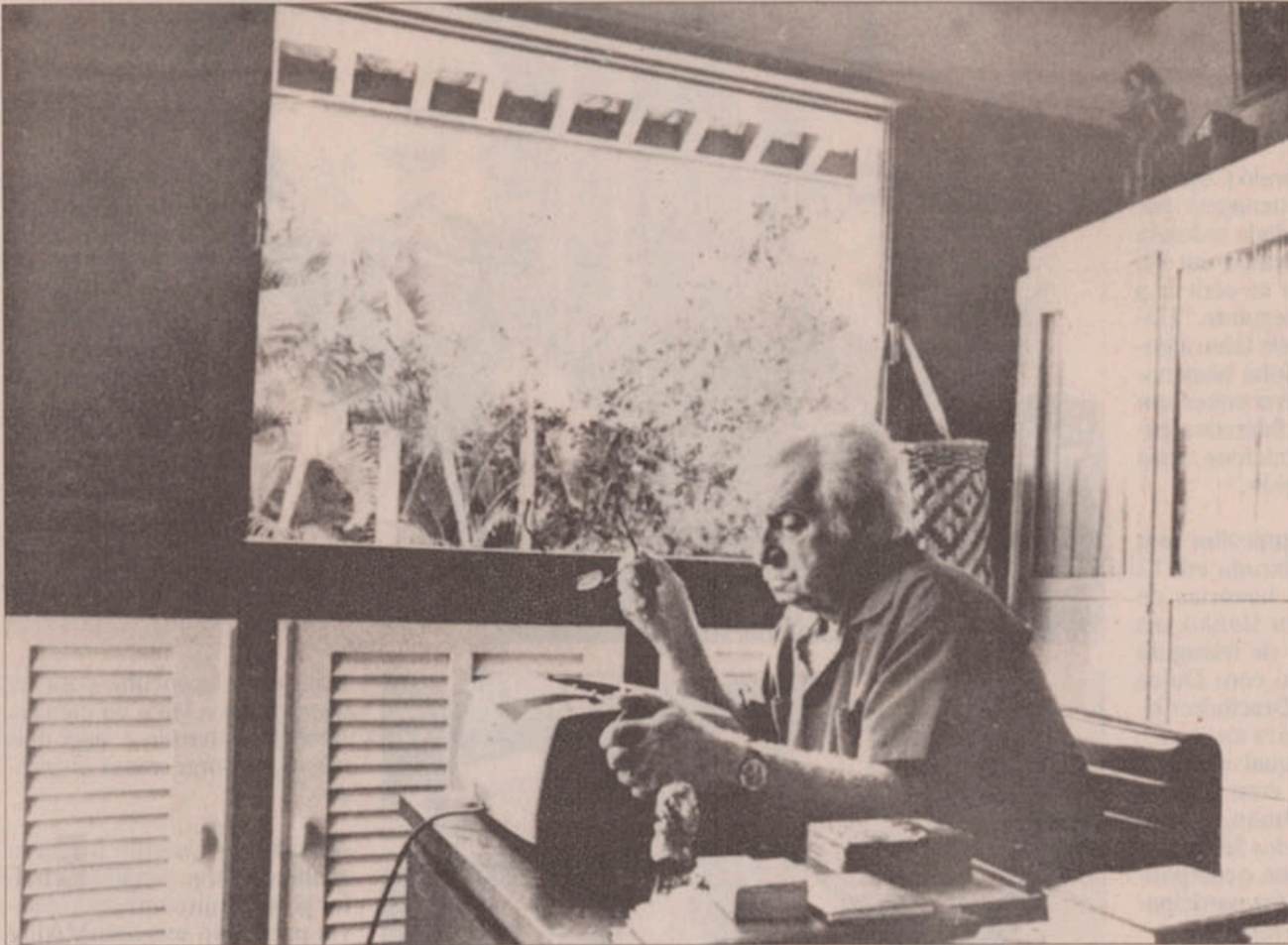
UBIRATAN BRASIL

Mesmo cansado e debilitado pelas doenças que já o enfraqueciam, Jorge Amado foi o centro das homenagens do 18.º Salão do Livro em Paris, que teve o Brasil como país-tema, em 1998. Sempre seguido de perto pela mulher Zélia Gattai e a filha Paloma, o escritor participou de leitura de trechos de sua obra. Entre sorrisos, chegou a comentar uma observação vinda da platéia. Depois de dar alguns autógrafos, deixou o auditório sob uma salva de palmas. Fazia quatro anos desde a publicação de seu último livro, *A Descoberta da América pelos Turcos*. Com a visão debilitada e problemas cardíacos cada vez mais graves, Jorge Amado não escondia a tristeza por não poder mais escrever seus livros, atividade iniciada em 1931.

Se no fim da vida ele contabilizava a marca de 20 milhões de exemplares vendidos mundialmente, o livro de estréia, *O País do Carnaval*, não passou da tímida marca de mil exemplares arrematados. O consolo foi a recepção positiva da crítica da época, especialmente de Agripino Grieco. A obra já revelava a importância que o meio ambiente e das tradições baianas adquiririam em seus livros, refletindo uma vida ardentemente vivida.

Jorge Amado de Faria nasceu no dia 10 de agosto de 1912, na fazenda de cacau Auricídia, em Ferradas, no município de Itabuna, na Bahia. Fez o curso primário em Ilhéus e o secundário em um colégio jesuíta de Salvador. A estréia literária aconteceu em 1927, com um poema modernista publicado na revista *A Lufa*.

Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1930 e, antes de escrever seu primeiro livro, colaborou com Dias da Costa e Edison Carneiro na confecção da novela *Lenita*. Ao ingressar na Faculdade de Direito, conheceu diversos intelectuais, como Augusto Frederico Schmidt, que se tornou seu primeiro editor. Em 1933, viveu um ano tumultuado: ao mesmo tempo em que



Reproduções

O escritor, que realizou a façanha de vender 20 milhões de livros em todo o mundo, trabalhando em seu escritório



Da esquerda para a direita, Sartre, Ruy Mesquita Filho, Jorge Amado (de costas) e Luiz Carlos Mesquita na fazenda de Louveira, em 1960

se casou com Matilde Garcia Rosa, publicou o romance *Cacau*, que tem vários exemplares apreendidos por apontar as injustiças sociais sofridas pelos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia.

A primeira prisão, por motivos políticos, aconteceu em 1936. No ano seguinte, com a instauração do Estado Novo, seus livros foram apreendidos e queimados em praça pública. Exilou-se na Argentina em 1941, voltando no ano seguinte quando novamente foi preso. Eleito deputado federal pelo

PCB em 1945, Jorge Amado participou da Assembléia Nacional Constituinte. Em 1948, porém, seu mandato foi cassado, obrigando-o a morar em Paris.

Mudou-se para a Checoslováquia em 1950, quando escreveu *O Mundo pela Paz*. Depois de condecorado em Moscou pelo conjunto da obra (1951), publicou *Os Subterrâneos da Liberdade*, em 1954, seu livro mais abertamente partidário. Amado só voltou ao Brasil em 1956 e, dois anos depois, escreveu *Gabriela, Cravo e Canela*, seu maior

sucesso internacional.

Em setembro de 1960, visitou a fazenda de Julio de Mesquita Filho, em Louveira, acompanhado de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. O momento foi registrado com diversão pelo escritor: "Zélia e eu tivemos o privilégio de acompanhar Simone e Sartre Brasil a fora, empreitada excitante e divertida." O reconhecimento dos outros escritores veio em 1961, quando foi eleito por unanimidade para a cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras. Depois de decidir fixar moradia na Bahia, foi cogitado pela primeira vez para o Prêmio Nobel de Literatura, em 1966, quando seus livros já eram publicados em mais de 40 países.

Em 1978, decidiu casar-se oficialmente com Zélia Gattai, com quem já vivia desde 1945. A cerimônia foi comemorada com outro fato feliz: o filme *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, de Bruno Barreto, tornou-se um dos maiores sucessos de bilheteria do cinema brasileiro.

A década de 80 foi marcada tanto por prêmios diversos (como a condecoração da Legião de Honra da França, recebida do presidente François Mitterrand, em 1985) como pela criação da Fundação

Casa de Jorge Amado, em Salvador, dois anos depois.

Em 1993, surgiu o primeiro da série de problemas de saúde: um infarto do miocárdio deixou o escritor hospitalizado durante dez dias. Em 1996, quando o casal recebeu o escritor português José Saramago durante o carnaval de Salvador, Jorge Amado sofreu um edema pulmonar, em Paris, em maio. Dois dias depois de completar 84 anos, em agosto, foi novamente internado. Em outubro, nova crise cardíaca levou-o de volta ao hospital, onde se submeteu a uma angioplastia. Ao acordar, depois da intervenção no coração, disse a Zélia: "Agora vou lhe dar todos os carinhos."

Em 1997, depois de ser homenageado por todos os blocos baianos no carnaval, voltou a ser hospitalizado para o implante de um marca-passo. No mesmo ano, a editora Record lançou *Milagre dos Pássaros*, conto que estava inédito no Brasil. Em 1998, foi homenageado pelo Salão do Livro em Paris, além de receber o título de doutor honoris causa na Sorbonne. Em junho deste ano, foi internado com crise de hiperglicemia, que o manteve sedado por alguns dias na UTI. Morreu na segunda-feira, por complicações decorrentes da diabetes.

DITADURA DE VARGAS QUEIMOU SEUS LIVROS

"Não tenho o que dizer. Tomei um choque e até agora não passou. Não sei direito o que aconteceu, nem como vim parar aqui." **João Ubaldo Ribeiro**, escritor

"Não apenas sua obra literária, mas também ele foi o exemplo de um grande humanista: um homem que viveu para o seu povo e soube amá-lo." **Guido Araújo**, cineasta

"Como mãe e como amiga, estou muito sentida. Jorge era um grande homem, não pelo tamanho, mas por tudo que era. Meu coração dói não só por ele, mas por Zélia e dona Paloma (filha do escritor)." **Dona Cidão**, mãe de Caetano Veloso

"O Brasil perde um imenso escritor que, graças ao seu talento excepcional, fez o mundo conhecer a força e o charme da alma brasileira. A potência da obra de Jorge Amado e a riqueza de seu estilo o elevaram ao primeiro escalão da literatura mundial. Paris, que teve a chance de acolhê-lo quando ele escolheu, por um tempo, viver na Europa, se orgulha da recordação deste romancista infatigável, cuja personalidade marcou fortemente a vida intelectual do século 20. A França compartilha hoje o luto do Brasil, se associa à dor de seu povo e exprime à família e aos próximos de Jorge Amado sua simpatia e sua amizade nesta provação." **Jacques Chirac**, presidente da França, em mensagem endereçada ao seu colega brasileiro Fernando Henrique Cardoso

"O mundo das letras perde, com Jorge Amado, um escritor de grande talento e um homem de engajamento, cuja vida e os livros responderam ao apelo de um mesmo combate, o combate da liberdade e da dignidade de todo homem, em parti-

cular do humilde e do oprimido do qual o escritor, desde a juventude, compreendeu a condição e os sofrimentos. Sua obra transpôs cedo as fronteiras do Brasil, era particularmente conhecida e apreciada na França, à qual ele se vinculava com a amizade do coração, depois que Paris o acolheu quando de seu exílio. Foi com emoção e tristeza que soube de seu falecimento." **Jacques Chirac**, na segunda mensagem distribuída à imprensa

"A literatura mundial perde uma de suas grandes figuras. Solidário com o povo brasileiro, soube iluminar com força e lirismo seus múltiplos contrastes." **Lionel Jospin**, primeiro-ministro francês

"Um dos gigantes da literatura mundial, que dominou à sua altura a literatura latino-americana." **Jack Lang**, ministro da Educação francês

"Foi uma das maiores figuras em nossa língua." **Mário Soares**, ex-presidente português, que frequentava a casa do escritor em Paris

"Jorge Amado não foi somente uma personalidade brasileira, e sim uma figura da cultura universal, por isso é importante destacar o caráter universal de sua vida e obra." **Augusto Santos**, ministro da Cultura português

"Jorge Amado foi um dos maiores escritores do nosso tempo, que fez com que os costumes brasileiros fossem conhecidos nos cinco continentes e em todas as línguas modernas. Sou pessoalmente grato a Amado por sua hospitalidade e generosidade quando lancei meu livro (*A Guerra do Fim do Mundo*) na Bahia. Ele conquistou o mundo inteiro com

seu bom humor, amor à vida, mulheres, comida e a Bahia." **Mario Vargas Llosa**, escritor peruano

"Adeus, Jorge Amado, e obrigado por ter nos oferecido um Brasil colorido, multirracial e universal." Manchete do jornal italiano **La Repubblica**, em sua página de obituário

"Em uma nação onde o futebol é o rei, Amado, que publicou seu primeiro romance aos 19 anos, foi chamado de Pelé da literatura." Trecho da reportagem do **The New York Times**, que define Jorge Amado como o maior escritor brasileiro

"Ele não ganhou o Nobel, mas se contentava plenamente em ser premiado com a preferência do público internacional." Trecho do editorial da rádio **France-Culture**, a mais respeitada da França em assuntos de letras e arte

"Ele era o Balzac brasileiro. Seu trabalho retratou a alegria brasileira e a simplicidade da vida nos trópicos." **Der Spiegel**, semanário alemão

"Amado foi um escritor que penetrou no cotidiano dos sertões do Estado da Bahia, onde cresceu. Ele testava o rótulo atribuído por muitos críticos europeus que classificavam os literatos da América do Sul como "realistas mágicos." Trecho de reportagem do **The Times**, de Londres

"Jorge Amado, o liberador do povo brasileiro pela pena." Manchete do **Le Monde**, o mais influente jornal francês

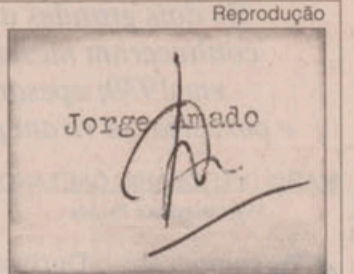
"Coragem nunca lhe faltou, inclusive para se desengajar do Partido Comunista em 1956, sob as impreca-

ções de seus camaradas (...). Enquanto o sociólogo Gilberto Freyre realiza a crítica histórica do racismo, Amado, em *Jubiabá* e nos romances seguintes vai liberar seus leitores de um pesada culpabilidade, explicando-lhes quanto a mistura racial tem de salutar e fecundo. Daí a razão por que o fenômeno literário (*desencadeado por Jorge*) ganhou uma dimensão sociológica." Trechos do artigo publicado pelo **Le Monde** e assinado pelo escritor Jean Soubelin, seguido por texto de Lygia Fagundes Telles com o título *O Coração Revoltado da Nação*, comentando as diferentes facetas da obra amadiana

"Jorge Amado é uma das maiores referências de solidariedade humana para com as classes mais desfavorecidas, em circunstâncias de um determinado momento histórico, em que a denúncia das injustiças sociais era considerada mera subversão." **Dulce Maria Pereira**, secretária-executiva do Comunicado de Países de Língua Portuguesa (CPLP), referindo-se à proibição de alguns livros do escritor no Brasil, em Portugal e nas ex-colônias portuguesas da África

"Pobre Jorge; com ele se vai uma das grandes figuras da literatura latino-americana. Sinto muitíssimo sua morte e lamento muito que nunca tenha ganhado o Nobel." **Carmen Balcells**, agente de Jorge Amado em Barcelona

"Jorge Amado revelou a personalidade e fixou como ninguém as idiossincrasias de seu povo. Conhecedor da psicologia e da cultura africana, converteu sua natal Bahia em um emblema universal, da qual deixou imagens inesquecíveis." **Miguel Barnet**, romancista e poeta cubano. (**Reuters, DPA, France Presse**)



A assinatura do escritor

Obra conquistou leitores no mundo inteiro

Autor baiano teve seus livros publicados em 46 países e traduzidos em 36 idiomas

A obra de Jorge Amado foi publicada em 46 países, traduzida em 36 idiomas, com livros adaptados para o cinema, televisão, teatro e rádio, totalizando cerca de 20 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo. Os números superlativos comprovam e reforçam a fama do escritor mais popular e de maior projeção internacional do Brasil.

A atividade literária do autor começou na década de 20, quando fundou a "Academia dos Rebeldes" com um grupo de amigos. Ao mesmo tempo, publicou os primeiros poemas na revista literária *A Lufa*. Depois de escrever o romance *Lenita* em 1930 (com Dias da Costa e Edison Carneiro), estreou oficialmente no ano seguinte com *O País do Carnaval*, iniciando a série de romances inspirados na Bahia, escritos no momento em que a literatura brasileira vivia a fase regionalista do modernismo. Em seguida, veio *Cacau*, livro que lhe rendeu os primeiros problemas políticos por tratar de forma realista as injustiças sofridas por trabalhadores rurais.

Os grandes sucessos de Jorge Amado tornaram-se referências na cultura popular, como *Gabriela, Cravo e Canela*, *Tieta do Agreste*, *Dona Flor e Seus Dois Maridos* e *Teresa Batista Cansada de Guerra*. Jorge Amado também enveredou para a poesia, publicando *A Estrada do Mar*, além de se aventurar ainda pela literatura infanto-juvenil, com *O Gato Malhado* e *a Andorinha Sinhá* e *A Bola e o Goleiro*, recentemente relançado.

Pela ordem de publicação, eis a lista de todos os livros de Jorge Amado:

Lenita (co-autoria de Dias da Costa e Edison Carneiro, 1930); *O País do Carnaval* (1931); *Cacau* (1933); *Suor* (1934); *Jubiabá* (1935); *Mar Morto* (1936); *Capitães da Areia* (1937); *ABC de Castro Alves* (1941); *O Cavaleiro da Esperança* (1942); *Terras do Sem Fim* (1943); *São Jorge dos Ilhéus* (1944); *Bahia de Todos os Santos* (1945); *Seara Vermelha* (1946); *O Amor do Soldado* (1947); *O Mundo da Paz* (1951); *Os Subterrâneos da Liberdade* (trilogia: *Os Áspetos Tempos*, *A Agonia da Noite* e *A Luz no Túnel* - 1954); *Gabriela, Cravo e Canela* (1958); *A Morte e a Morde de Quincas Berro d'Água*; *Os Velhos Marinheiros* ou *O Capitão de Longo Curso* (1961); *Os Pastores da Noite* (1964); *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1966); *Tenda dos Milagres* (1969); *Teresa Batista Cansada de Guerra* (1972); *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* (1976); *Tieta do Agreste* (1977); *Farda, Fardão, Camisola de Dormir* (1979); *O Menino Grapiúna* (1981); *A Bola e o Goleiro*; *Tocaia Grande: a Face Obscura* (1984); *O Sumiço da Santa* (1988); *Navegação de Cabotagem* (1992); *A Descoberta da América pelos Turcos* (1994).